

A Comunicação em Rádio como Dispositivo Fortalecedor de Cidadania a Usuários da Saúde Mental¹

Reginaldo Moreira²
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Resumo

O artigo apresenta a comunicação em rádio vivenciada pelos usuários da saúde mental, participantes do Projeto Maluco Beleza. Neste projeto, a comunicação tem demonstrado ser uma importante ferramenta de (re)significação de sentido de vida para os portadores de sofrimento mental. A participação efetiva no processo democrático de elaboração de uma radorrevista eletrônica, faz com que os usuários se capacitem para a comunicação. O processo estimula a retomada de redes de conexão e de convívio social. A nova possibilidade de comunicação aplicada como dispositivo aos cuidados da saúde mental alternativa e complementar, torna-se um importante recurso de restabelecimento de cidadania, aos que por longos anos o estiveram confinados nos pátios dos manicômios e privados dos direitos fundamentais para a construção de uma vida minimamente digna.

Palavras-chave: Comunicação e Cidadania; Comunicação Terapeutizante; Saúde Mental; Maluco Beleza; Cândido Ferreira.

Introdução

A comunicação como dispositivo de fortalecimento de cidadania é apresentada no artigo, por meio da investigação da aplicabilidade da comunicação no contexto da saúde mental, vivenciada pelas pessoas portadoras de sofrimento mental, participantes do Projeto Maluco Beleza. Em consonância com o Movimento da Luta Antimanicomial³ e com a Reforma Psiquiátrica⁴, o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira⁵, localizado na cidade de Campinas, interior de São Paulo, transforma seus modos de cuidar em saúde, o que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Departamento de Comunicação da UEL, email: regismoreiraregis@gmail.com

³ O Movimento da Luta Antimanicomial surgiu no Brasil, após a ditadura militar, e reúne usuários, familiares, profissionais da saúde e militantes de Direitos Humanos, em busca de transformar as instituições totais e garantir tratamento digno e adequado às pessoas portadoras de sofrimento mental, por meio de redes substitutivas e novos modos de cuidar de forma humanizada.

⁴ A Reforma Psiquiátrica é um movimento que surgiu no Brasil no final da década de 80 inspirado pelo fim da ditadura militar e pela abertura política. Tal reforma reúne pessoas indignadas com a condição de abandono e de desrespeito aos direitos humanos dos doentes mentais e tem o objetivo de possibilitar novas formas de cuidados, indo contra os antigos modos de tratar a saúde mental, como confinamento, camisas de força, eletrochoque, lobotomia, estrutura asilar cercada por grades e altos muros. A reforma visa a substituir os antigos manicômios por formas alternativas de cuidados mais humanizados.

⁵ O Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira é o segundo hospital psiquiátrico e o primeiro hospital psiquiátrico filantrópico fundado no Estado de São Paulo, inaugurado em 1924. Sua abertura tirava os loucos e desocupados dos porões da Cadeia Pública de Campinas, recolhidos por ocasião da implementação da República no país. Ao longo dos anos, a instituição passou por diversas fases em que acreditou a Psiquiatria, iniciando, em 1990, transformações advindas da Reforma Psiquiátrica.

possibilita que novas experiências, que colaborem com a reinserção social dos usuários, sejam desenvolvidas.

A nova aplicabilidade da comunicação em rádio junto aos usuários⁶ da saúde mental buscou compreender não só o impacto desse dispositivo na vida dos envolvidos, como também quais as redes de conexão (re)estabelecidas a partir dessa participação no Projeto Maluco Beleza, no tocante à participação social e ao fortalecimento de suas cidadanias, implicando num processo de transformação da trajetória de vida desses produtores de rádio.

No projeto, compreendemos que o processo de comunicação se estabelece por meio de um trabalho diferenciado de produção de mensagens, advindo de uma população historicamente marginalizada socialmente. A recepção dá-se por meio da veiculação dos programas na Rádio Educativa de Campinas⁷, e por meio da Rádio Maluco Beleza online, estação web de rádio, inaugurada nas dependências da instituição onde se localiza o projeto. No clássico tripé da comunicação (emissor, mensagem e receptor), o foco da pesquisa centrou-se no emissor e nos processos de produção, que por se encontrar no campo da saúde, a comunicação desenvolvida somente se justifica pela promoção da saúde e da melhoria da qualidade de vida das pessoas que se encontram em tratamento.

Contexto histórico

A instituição psiquiátrica já desenvolvia alguns trabalhos no campo da arte e da comunicação, desde que iniciou seu processo de transformação em que grades foram retiradas, foi abolido o eletrochoque, a camisa de força e outras tantas formas agressivas do cuidar em saúde mental. Dentre as formas humanizadas de tratamento, a produção em rádio inicialmente foi experimentada junto à Rádio Muda da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em que alguns usuários realizavam esporadicamente um programa experimental de formato livre. Havia o desejo de ampliar o trabalho de rádio junto aos usuários. Historicamente, foi pensada uma rádio comunitária, que fosse sediada no espaço institucional e aberta para a participação da comunidade. Porém, as tentativas de articulação da rádio comunitária acabaram enfrentando dificuldades impostas pela lei de concessão

⁶ O termo usuário de saúde mental substitui a palavra “louco”, doente mental, paciente psiquiátrico, ou qualquer outra terminologia. Esse novo termo é uma exigência do Movimento da Luta Antimanicomial e dos demais participantes do II Encontro Nacional da Luta Antimanicomial, ocorrido em novembro de 1995, em Belo Horizonte/MG. Atualmente esse mesmo termo é questionado, porém ainda não há consenso para outra denominação que designe as pessoas que fazem tratamento mental.

⁷ A Rádio Educativa de Campinas (FM 101,9 MHz) é uma rádio pública, concessão da Prefeitura de Campinas, interior de São Paulo, inaugurada oficialmente em 14 de julho de 2000.

federal, legalizadas somente a partir de 1998, com a Lei no. 9.612. Conforme aponta Peruzzo, em sua obra *Comunicação nos Movimentos Populares*:

A Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece, em seus artigos 27 e 29, que todos os homens têm o direito de participar livremente da vida da comunidade e que, por outro lado, têm deveres para com esta mesma comunidade, na qual é possível o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade (...) A história mostra que as nações respeitam esses princípios em menor ou menor grau, dependendo da cultura de cada povo, das oportunidades, da conjugação de forças e dos interesses dominantes. Esse processo tem a ver com as decisões dos governantes e a capacidade do povo para exigir o cumprimento de seu direito, com vistas à realização de seu dever de contribuir ativamente, como sujeito, para a construção da sociedade. (PERUZZO, 1998, p. 275)

Para fazer valer tal lei, muita militância e mobilização tem que ser empregada. Após o cumprimento das exigências para se requerer esse tipo de concessão, alguns processos ficam anos sem resposta, descumprindo os prazos estabelecidos pela própria lei. Na instituição em questão, com as pessoas envolvidas no processo, a possibilidade de implantação de uma rádio comunitária ou livre levantava algumas questões tanto políticas, como também dos cuidados em saúde ou mental. A instituição mantinha uma parceria de co-gestão com a Prefeitura Municipal de Campinas e, em tese, não pode sediar e possuir uma emissora funcionando na ilegalidade. Além disso, os usuários acabavam temendo fazer algo não permitido por lei, que culminava em alguns sintomas relativos aos quadros clínicos, como a persecutoriedade, o medo da polícia, o medo de irem presos etc. Fazer rádio em saúde mental, da forma como foi idealizado o projeto, é uma tecnologia distinta de comunicação alternativa, pois essa comunicação está aplicada no campo da saúde mental, cujo objetivo principal é a promoção da saúde. O alternativo, a mobilização, a militância e os enfrentamentos da democratização da mídia vão até o limite em que podem prejudicar os cuidados aos usuários, que são prioridade no projeto. Desta forma, todo processo de criação das aplicabilidades da comunicação é fruto de incansáveis rodas de conversa. Nesse processo, alguns usuários se envolveram com a Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (ABRACO) de Campinas e participaram de cursos, congressos nacionais, mas o projeto de rádio comunitária acabou não se viabilizando. No decorrer do processo, a Rádio Muda, da Unicamp - um dos expoentes do Movimento da Rádio Livre, movimento que se posiciona contra a lei de concessão vigente no país - chegou a oferecer um

transmissor de baixa potência, para que se pudessemos inaugurar uma rádio. Mas tal proposta ia contra a ideia original, ou seja, a instalação de uma rádio comunitária, que já era amparada pela lei que institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária. Desta forma, os participantes do projeto tiveram medo de aceitar o convite, por estarem agindo na ilegalidade, correndo o risco de serem presos. O temor não era fantasioso, pois não era raro que presenciássemos militantes de rádios comunitárias e livres tratados como bandidos e seus equipamentos confiscados ou destruídos pela Agência Nacional de Telecomunicações, a ANATEL. Devido à vulnerabilidade de muitos usuários a esse fato, decidimos parar, naquele momento, com o processo de implementação de uma rádio comunitária ou livre.

Uma das múltiplas instâncias pelas quais o homem pode exercer esse direito e esse dever é a comunicação social, compreendendo-se nela todos os níveis e todos os meios criados para efetivá-la. No Brasil e em outros países latino-americanos, ela tem sido obstaculizada pelo Estado e por setores dominantes, por sua posição hegemônica ou pela imposição, acabam ganhando a cumplicidade da sociedade como um todo, embora haja resistências. (PERUZZO, 1998, p. 275/276)

O direito ao livre exercício da comunicação social por meio do rádio permaneceu vivo entre os usuários. Assim, no ano de 2002 recebemos uma proposta de parceria com a Rádio Educativa da cidade, que nos ofereceu tanto os estúdios, como a veiculação de um programa, que fosse protagonizado pelos usuários. Uma revista eletrônica, com apresentação de diversos quadros, em que os participantes do projeto expressassem seus pontos de vista e talentos à sociedade, foi formatada.

O projeto

O programa de rádio Maluco Beleza, que foi inaugurado em 2002, é realizado por pessoas que fazem tratamento mental em Campinas e veiculado pela Rádio Educativa da cidade. Os participantes, que se autodenominam loucu-tores, têm a oportunidade de expressar à sociedade os seus pontos de vista sobre pautas diversas, sugeridas e escolhidas pelos próprios, por meio de uma revista eletrônica mensal composta por diversos quadros (entrevistas, enquetes, músicas, expressões artísticas, debates, opiniões e depoimentos).

O projeto foi reconhecido pelo Ministério da Cultura como Ponto de Cultura no ano de 2008. A partir daí, o projeto se abriu para a participação de outras pessoas da comunidade,

sem a necessidade de possuir um diagnóstico para participação. Além disso, uma variedade de cursos de capacitação em comunicação foi disponibilizada aos participantes, como também um estúdio de rádio e uma sala de inclusão digital, que conta com nove computadores conectados à internet.

Já em 2009, outro edital de Ponto de Cultura Estadual, possibilitou a ampliação das ações de comunicação em áudio para o audiovisual. Oficinas de gravação e edição de vídeo, entre outras, foram oferecidas e o projeto pôde produzir alguns curta metragens, além de adquirir equipamentos e como câmeras de vídeo e ilhas de edição.

O programa de rádio Maluco Beleza continuou sendo o projeto inspirador de novas aplicabilidades de comunicação que surgiram, ampliando cada vez mais a participação de outras pessoas da sociedade e propiciando um novo espaço de convivência e de trocas.

Nesse caminho, procurar o compartilhamento do que vem sendo feito pelo conjunto dos trabalhadores da rede substitutiva de cuidados em saúde mental, do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, significa apostar na possibilidade de que os seus trabalhadores, podem e devem explicitar suas sabedorias para outros, em um ato reflexivo e de produção de conhecimentos; bem como apostar que o resultado final não é fechado, está em aberto como oferta de empréstimo de olhares e modos de fazeres, também para outros que também se interessam por isso. (MERHY, 2007, p. 14)

No caminho da oferta de empréstimo de olhares e modos de fazeres, o ano de 2010 foi marcado pela inauguração da Maluco Beleza rádio online (www.radiomalucobeleza.org.br), web emissora que possibilitou a inclusão de outros programas produzidos pelos usuários, pela comunidade e por outros projetos sociais. A participação ampliada na web rádio garantiu uma diversidade de programas e de temas, uma vez que conta com crianças, adolescentes, crianças em situação de rua, idosos, familiares dos usuários, artistas de rua e usuários e funcionários da saúde mental.

A produção dos programas

A produção do programa Maluco Beleza conta com a participação de aproximadamente vinte pessoas e é aberta a todos os usuários de saúde mental de Campinas. Semanalmente grupo se encontra para criação das pautas, escolha das músicas, produção e gravação e edição do programa. As reuniões semanais durante o mês de

produção do programa é um importante espaço para pesquisa, debate e reflexão sobre os assuntos a serem tratados.

O cronograma traçado no primeiro encontro de produção é seguido por todos. Caso haja mudanças ocasionadas por disponibilidade da fonte ou alguma adversidade ocorrida com os participantes, adaptações são realizadas, porém, a rotina e o cumprimento de datas e compromissos devem fazer parte de todo processo, pois junto aos usuários da saúde mental, isso facilita a participação e assiduidade das pessoas ao projeto, uma vez que reafirma a confiança na execução do trabalho, perante pessoas que por anos foram desrespeitadas.

A abertura para participação é fundamental e o usuário entrar ou sair no momento em que julgar adequado. Existe um grupo contínuo formado por cerca de vinte pessoas e outros tantos participam de acordo com seus interesses e disponibilidades, experimentam o projeto e se desligam conforme seus desejos. Os participantes ocasionais acabam por se identificar com outros projetos da instituição, como também transferem seu tratamento para CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) geograficamente mais distantes do distrito de Sosas, onde está localizado o projeto. O importante é que a adesão ao projeto se dá de maneira espontânea e sem cobranças por dos mais envolvidos.

No sentido de materializar o desejo por transformações no campo social, começando pelas mudanças de si mesmo, o processo de criação do programa, desde vinhetas até os quadros são construídos de maneira coletiva e participativa. Para tanto os participantes se apropriam, cada um à sua maneira, dos saberes técnicos sobre rádio e comunicação para expressarem seus pontos de vista de forma adequada e encaram os desafios inerentes a essa atividade.

É preciso resgatar o desejo. O que chamei de propiciadores da revolução individual pode ajudar em seu desbloqueio e desnorreamento. Os meios de comunicação, por exemplo, veiculam estilos de vida como a forma de viver. Entretanto, cada indivíduo deve ter a sua forma de viver. Outro exemplo está na importância do trabalhador diante da empresa. Se ele consegue, por meio desses propiciadores, buscar dentro de si a sensação de poder, poderá melhor barganhar os seus direitos.

Essa revolução interna é traço essencial para a existência da cidadania. Todavia, sua construção depende também de outras dimensões. É preciso haver uma educação para a cidadania. A violência perpassa o cotidiano das pessoas de inúmeros segmentos, em especial da população mais carente: mulheres, presos, negros, crianças e idosos. Há um sofrimento que tem lugar no âmbito privado e não vem a público, a não ser que essas pessoas tomem consciência de seus direitos como cidadãos e se organizem para lutar por eles. É preciso criar espaços para reivindicar os direitos, mas é preciso também estender o conhecimento a todos para que saibam da possibilidade de reivindicar. (MANZINI-COVRE, 2002, p. 65/66)

Para a resolução de impasses que surgem de uma criação coletiva, a democracia, expressada por meio de votos, foi metodologia adotada. A cada escolha ou conflito, o grupo se reúne e vota nas propostas, para que as decisões representem o desejo da maioria. Tal método facilitou o cotidiano do projeto, pois a partir da votação os participantes podem propor, escolher, argumentar e treinar o processo participativo e democrático nesse espaço.

Um dos grandes desafios de produzir um programa com usuários de saúde mental é a confiança na capacidade dos participantes, delegando-lhes as tarefas inerentes às pautas, sem interferir nesse processo de produção de maneira a fazer por eles ou para eles. Assim, inspirados na metodologia de Paulo Freire, nos lançamos ao desafio de fazer com eles. Esse “fazer com” muda todo sentido de produção do programa, aumenta os desafios e estimula na superação. Fazer junto é um processo mais demorado, mais complexo, mais horizontal, uma vez que valoriza o saber do outro, a sua alteridade, sua singularidade, numa via de mão dupla entre os usuários e os profissionais de comunicação envolvidos no projeto. Este modo de fazer com exige um exercício contínuo, tanto dos usuários como dos profissionais, no sentido que um contribua com o outro, para a elaboração de um conteúdo coletivo mais ampliado e democrático. Nas ocasiões em que o grupo recebe um novo usuário ou profissional, nas vezes em que acontece a não compreensão inicial da dimensão da proposta, o grupo os leva a vivenciar esse jeito compartilhado de criação.

A valorização dos participantes por meio da participação e cobertura de grandes eventos

Desde o início do projeto, os loucu-tores são convidados para palestrarem em faculdades de comunicação, jornalismo e psicologia. Outros convites para eventos de militância, como Dia da Luta Antimanicomial, Humaniza SUS (Sistema Único de Saúde) e cobertura de festas da saúde mental, também acontecem com frequência. Entre os principais eventos em que fizeram cobertura e/ou oferta de oficinas de comunicação inclusiva, destaca-se o III Fórum Social Mundial, no ano de 2003, em Porto Alegre; o V Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, no ano de 2005; o I Fórum Social Brasileiro, em Belo Horizonte, em 2005; o I Festival da Loucura, na cidade Barbacena/MG, em 2007; o Encontro Nacional "20 anos de Luta por uma sociedade sem manicômios", ocorrido em Bauru, interior de São Paulo, em 2007; o II Fórum Internacional de Saúde Coletiva, Saúde Mental e Direitos Humanos, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro –

UERJ, no ano de 2008; o X Fórum Social Mundial, em de 2010, na cidade de Porto Alegre; a IV Mostra Nacional de Experiências em Atenção Básica e Saúde da Família, em 2014, na cidade de Brasília; O III Simpósio de Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina – UEL, também em 2014, na cidade de Londrina/PR, entre outros. Em vários eventos, os loucu-tores do Maluco Beleza foram cadastrados como jornalistas da imprensa alternativa, o que possibilitou o acesso à sala de imprensa, a todas as entrevistas coletivas, às áreas de acesso restrito à imprensa, o que foi recebido por eles como valorização e reconhecimento do trabalho desenvolvido.

No ano de 2010, nos 10 anos de Fórum Social Mundial, ocorrido em Porto Alegre, três participantes mais antigos e atuantes no projeto, viajaram sozinhos para a realização de cobertura do evento. Não havia profissionais disponíveis para acompanhá-los, porém os três insistiam na participação. Começamos um trabalho de convencimento com a instituição sobre a aposta a autonomia, uma das bandeiras ideológicas da reforma psiquiátrica, que culminou da ida sem acompanhamento. Os participantes foram de avião para Porto Alegre e realizaram a cobertura do evento, que resultou num programa de rádio para a Rádio Educativa e na principal matéria do jornal impresso institucional - C@ndura – espaço aberto para um novo pensamento. A aposta na autonomia provou o quanto é possível e rico essa forma de participação.

Nessa viagem a Porto Alegre, todos os dias os três telefonavam (por iniciativa deles) passando um relato das atividades. Essa cobertura sem a presença de profissionais que os acompanhassem marcou os participantes, o projeto e a instituição. Apostar e confiar na capacidade do outro e possibilitar o exercício da autonomia, além de valorizá-lo, faz com que o processo de empoderamento seja vivenciado de maneira efetiva, fortalecendo a construção da cidadania de pessoas que por anos foram desacreditadas socialmente.

Alguns participantes mais assíduos do projeto apresentaram, com o passar do tempo, algumas mudanças importantes em sua estética de ser. Pessoas mal pronunciavam o próprio nome no início de sua participação, exercitando a comunicação acabaram se capacitando para falas mais elaboradas com frases completas, expressando-se de forma mais coerente e fluída, com uma narrativa mais elaborada e compreensível. A expressão pelo rádio levou participantes com limitações mais graves, ao exercício de articulação e expressão de suas ideias, desafiando-os à superação de diversas barreiras comunicacionais, que foram sendo superadas pela criatividade e pelas diversas formas de manifestação como o canto, a imitação, a produção de efeitos sonoros especiais, a declamação de poesias etc, num

processo de valorização das suas oralidades – o que é inerente ao veículo rádio – como também da valorização dos seus saberes. Essa abertura do veículo, da maneira com que foi empregado no projeto, fez com que o projeto se tornasse uma oportunidade de expressão para todos, alfabetizados ou não, ressaltando a característica democrática do rádio.

O retorno aos estudos na educação formal, também foi um dos ganhos dos participantes do projeto. A necessidade de leitura para executarem as pesquisas, desenvolverem textos e a locução dos mesmos, acabou estimulando alguns a retomarem sua formação escolar. Dois participantes do Maluco Beleza chegaram a iniciar um cursinho pré-vestibular, com bolsa conquistada pelo projeto. Um deles foi até o final, prestou vestibular em jornalismo para duas universidades particulares de Campinas, passou numa delas, em outra ficou na lista de espera, mas não foi chamado, e acabou desistindo do curso superior. A gana de estudar o levou a realizar um curso de locução no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, o SENAC.

Outro participante, após se envolver com o Maluco Beleza, sentiu-se seguro para iniciar também um trabalho voluntário num grupo que atende familiares de pessoas envolvidas com álcool e drogas, denominado Amor Exigente. Para ele, a participação no projeto foi de grande importância para que se sentisse seguro o suficiente para ministrar as palestras que realiza.

O projeto também tem se mostrado um eficaz seleiro de novos militantes para movimentos sociais. Diante da confiança que o participante do projeto deposita em si, diante das capacitações diversas adquiridas, de elaborações de pauta e do exercício da fala, os usuários, constroem novos sentidos de vida e representatividade entre os usuários da saúde mental, acabam descobrindo que a potência da transformação vem da participação efetiva nos processos. Muitas vezes os levam ao exercício de outras conexões, como militantes dos movimentos de cultura, de comunicação, de representações institucionais e principalmente do Movimento da Luta Antimanicomial.

Para citar um exemplo, numa das manifestações do Dia de Luta Antimanicomial, na cidade de Santo André/SP, uma das participantes teve a oportunidade de realizar uma catarse em relação à camisa de força. Além de queimar algumas, realizou pinturas numa outra camisa, em que escreveu a palavra liberdade. O protesto ali culminava com a elaboração do sofrimento que havia vivenciado anos atrás.

Na militância, os usuários estabelecem uma rede de novas conexões, com outros atores importantes da Reforma Psiquiátrica brasileira e da Luta Antimanicomial,

movimentos que os reconhecem como companheiros de lutas. Com a militância nos movimentos de defesa dos novos modos de tratar em saúde mental, concomitantemente à participação no projeto Maluco Beleza, esses usuários conquistam uma grande representatividade também nos meios de comunicação hegemônicos, que sempre os procuram como fonte de suas matérias.

A superação conquistada por muitos usuários faz com que eles se tornem verdadeiros exemplos para outros. A militância abre espaço para que outras pessoas possam almejar também conseguir superar os seus problemas. A maioria dos usuários, do coletivo que representam, não possui uma inserção política. A atuação precursora pode também servir de inspiração e estímulo a outros, para que compreendam ou futuramente venham a experimentar uma ação política por meio da militância.

Um conjunto de ações terapêuticas é necessário para a transformação da estética do ser e do viver dos usuários. Alguns participantes puderam retomar o sentido de vida a partir de um tratamento mental digno, em que eixos ordenadores perdidos ou adormecidos, em decorrência de seu sofrimento mental, foram ressignificados. Essa reorganização estética de vida, muitas vezes, vem por meio de laços afetivos reconquistados pós o trauma de cisão, que se dá quando da descoberta do diagnóstico mental e a ruptura e o afastamento das pessoas em decorrência dessa descoberta. Além disso, a oportunidade de trabalho e geração de renda nas oficinas da instituição, faz muita diferença na valorização e autonomia dos usuários. O status de inválido e problema para a família e sociedade, a partir do momento em que volta a ser produtivo nas oficinas de trabalho e geração de renda, se transforma e os coloca como colaborador das despesas da casa.

O projeto de comunicação, assim como outros projetos de reinserção social desenvolvidos na instituição, faz com que os usuários retomem suas identidades profissionais. Com a participação no Maluco Beleza os usuários começam a se apresentar como jornalistas, comunicadores, radialistas, locutores, trabalhadores do Ponto de Cultura etc. Se por um lado o quadro psiquiátrico possibilitou a acessibilidade nesses espaços, por outro, o diagnóstico deu lugar a novas conexões de produção de novos sentidos para suas vidas. Essa retomada de identidade profissional os leva a extrapolar os limites do projeto e estabelecerem novas conexões sociais, com a participação em outros movimentos, como o Movimento da Luta Antimanicomial e outras representatividades que conquistam junto aos colegas de tratamento, na mídia e na sociedade.

Num contexto de desigualdades como o brasileiro, é absolutamente necessário que se tenha a oportunidade de exercer efetivamente os direitos civis e políticos, já assegurados, e de conquistar definitivamente os direitos sociais. Isso não cairá do céu, pronto e acabado, mas terá que ser construído pelos homens e pelas mulheres, de forma ativa e responsável. Nesse processo, a participação se torna não só um ato político, mas também educativo, na medida em que, por meio dela, se vão dando passos cada vez maiores. A ampliação da cidadania levará o homem e a mulher a serem, cada vez mais, sujeitos e não objetos da história. (PERUZZO, 1998, p. 287)

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi apresentar a comunicação como dispositivo de fortalecimento de cidadania por meio da participação no Projeto Maluco Beleza. A nova aplicabilidade da comunicação mostrou-se uma importante ferramenta aliada ao tratamento mental de pessoas que por anos na história da psiquiatria brasileira, tiveram seus direitos fundamentais negados, inclusive o da comunicação.

Por meio da produção em rádio para veiculação na emissora educativa e na web rádio, revelamos uma alternativa complementar ao tratamento mental, com o estímulo à participação dos usuários, o que fortalece a reinserção social e a retomada da cidadania.

Todo processo de (re)significação de sentidos de vida se deu por meio da descoberta da comunicação como ferramenta democratizada, disponibilizada e acessível, para realização de novos meios de produção e veiculação de pensamentos, por tantas vezes desprezados, banalizados, estigmatizados ou não validados pela mídia comercial.

Os veículos alternativos de comunicação produzidos por pessoas, geralmente marginalizadas pela sociedade, no contexto de transformações da luta antimanicomial e da reforma psiquiátrica, em curso na instituição pesquisada, tem se prestado a restituir um dos direitos fundamentais à (re)construção da cidadania dos usuários, que é o direito à produção de conteúdo em comunicação. A condição essencial para a viabilização dessa (re)construção é a democratização e a acessibilidade ao veículo rádio experimentada pelos participantes do projeto. O Maluco Beleza vem na contramão da comunicação produzida pelos veículos de comunicação de massa comerciais, em que a notícia é validada por meio de recortes tendenciosos aliados a interesses políticos, financeiros e ideológicos, que gera a alienação e reforça os estigmas sociais.

A comunicação como dispositivo de fortalecimento de cidadania, desenvolvida no projeto pesquisado, mostra-se como uma alternativa de ressarcimento do direito à comunicação, para uma população que durante anos teve a fala silenciada nos pátios dos

manicômios, não validando os seus pontos de vista e os tachando de alienados. A partir da participação no projeto, essas pessoas exercitam a elaboração do pensamento e a expressão por meio da fala, de uma mensagem que faça sentido para eles, (re)construindo o sentido de suas trajetórias e os impulsionando a buscar novas conexões com outros parceiros, instâncias de representação e movimentos sociais.

O constante exercício de produção dos programas de rádio os capacita em diversos aspectos e temas. O desafio permanente de elaboração de conteúdo e expressão de seus pontos de vista leva os usuários a uma participação social mais ampliada, implicada, militante. As participações no Movimento de Democratização da Mídia, no Movimento das Rádios Comunitárias e no Movimento da Luta Antimanicomial são prova disso. Desta forma, podemos afirmar que o Maluco Beleza também se revela como um celeiro de novos militantes e concomitantemente como instrumento de militância, por encontrar na essência do veículo rádio do projeto a ampliação de vozes comprometidas com as transformações sociais. Assim sendo, percebemos que no Maluco Beleza a militância social e a comunicação democrática se retroalimentam, visto que qualificam-se mutuamente, fortalecendo a cidadania dos participantes.

REFERÊNCIAS

Bibliografia Referenciada

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez, 1988.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é Cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MERHY, Emerson Elias; AMARAL, Heloisa (orgs.). **A Reforma Psiquiátrica no Cotidiano II**. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.

PERUZZO, Cicília Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

Bibliografia Consultada

COELHO NETO, Armando. **Rádio Comunitária não é crime, direito de antena: o espectro eletromagnético como bem difuso**. São Paulo: Ícone, 2002.

FOCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 2003.

MERHY, Emerson Elias. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. São Paulo: Hucitec, 2002.

MERHY, Emerson Elias et all. **Da repetição à diferença: construindo sentidos com o outro no mundo do cuidado**. In: Túlio Batista Franco; Valéria do Carmo Ramos (orgs.). *Semiótica, Afecção & Cuidado em Saúde*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010

PASSOS, Benedito da Cruz. **Retrospecto da Vida do Sanatório Dr. Cândido Ferreira (Ex-Hospital de Dementes de Campinas)**. Campinas, Empresa Gráfica e Editora Palmeiras Ltda, 1975.

TURINO, Célio. **Ponto de Cultura: o Brasil de baixo pra cima**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.